

otimismo, pois a vida a espera com muito labor.

— Obrigada, Dona Modesta. Que fique claro o quanto adorei suas “chicotadas”... Ainda que elas não tenham sido suficientes para expelir minha arrogância!

— Ah! Quase me esqueci de algo importante! – regressou Dona Modesta como se captasse nas “ondas do universo” algo de valor para a ocasião.

— Mais chicotadas? – brincou Selenia.

— Apenas uma lembrança para que suas meditações tenham maior alcance. Nunca, em tempo algum, passou pelo coração e pela mente de Angélica tomar o seu espaço de trabalho. Ela lhe tributa um enorme carinho e reconhecimento.

— Mais uma vez, não sei se estou aliviada, ou se me culpo por saber disso.

— Apenas medite, minha filha! E no que tange aos semelhantes, guarde este ensino: com raríssimas e honrosas exceções, costumamos trazer para cá os juízos que deles fizemos, que, inevitavelmente, são construídos a partir de nossas próprias imperfeições e pela natural incapacidade de avaliarmos com fidelidade as intenções alheias e sua história particular de evolução.

— Sinceramente, creio que errei largamente em relação à Angélica.

— Não se esqueça de que a pior atitude de arrogância é a de colecionar certezas sobre a vida, sem reciclá-las conforme o ritmo evolutivo de nossa *humanização*. A solução vem da capacidade de servir. Aquele que se fizer o servo de todos será o maior na obra do Cristo.

(1) Marcos 9:33 a 37.

(2) Mateus, 20:26.

(3) Mateus, 5:13 e 14.

(4) O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo III, item 10.

Horizontes Mentais

“Crer em Deus e na vida futura é, conseqüentemente, a primeira condição para moderar o orgulho; porém, não basta. Juntamente com o futuro, é necessário ver o passado, para fazer idêntica a exata do presente.”

Obras Póstumas, O Egoísmo e o Orgulho, estudo feito por Allan Kardec

Tão logo a servidora do Cristo saiu, foi a paciente, um tanto refeita, quem puxou o diálogo.

— Estou demasiadamente surpresa com os assuntos da mediunidade. O senhor tem conhecimento do meu caso?

— Trabalhamos em equipe, Selenia. Doutor Inácio, Rosângela, Dona Modesta e mais alguns trabalhadores estudaram com afinco sua ficha antes mesmo de sua chegada aqui. Sabendo que viria para cá, preparamo-nos todos para o mister de orientá-la.

— Professor, uma perguntinha bobá, não tem ninguém que esteja bem neste Hospital?

— O que é estar bem? Talvez os que trabalhem por amor estejam enquadrados nessa definição. Nós outros, os que carecemos do serviço para crescer e se libertar a caminho da vivência do amor, estamos buscando ficar bem. Já estará muito bom quando o trabalho for nosso principal patrimônio. Concorda?

— Tem razão. Doutor Inácio já me falou que devo ser grata a Deus por estar nesta casa de amor, considerando a extensão de minhas faltas. Agora, depois dos esclarecimentos que recebi, entendo melhor essa advertência.

— Não considere sua atitude como falência. Decerto poderia ter tomado outra direção. Isso não corrompeu sua consciência. Falhou na mediunidade, acertou em muitas outras frentes de amor.

— Por que é dada essa importância à mediunidade, professor? Não é como qualquer outra tarefa?

— Não, Selena, não é! A mediunidade, por assim dizer, é o fim maior a que se propõe a doutrina no seu aspecto prático, ou seja, quebrar as linhas demarcatórias entre dimensões, conduzir o homem à verdade e dar-lhe condições para vencer o materialismo, essa estrada milenar trilhada nos cinco sentidos.

— Através dela, criamos um laço com nosso destino, é isso?

— De onde viemos? Para onde vamos? O que fazemos na Terra? Célebres perguntas que necessitam ser reconsideradas em suas nuances. Que sabem os próprios espíritos reencarnados sobre elas, senão algumas informações periféricas?! Qual companheiro de lides estará suficientemente instruído sobre as raízes espirituais de seu retorno à carne? De onde partiram? Com que programa? Qual era sua real condição moral e mental antes do retorno? Que causas anteriores os levaram a passar por esse ou aquele estado na erraticidade? Que informes possuem os amigos matriculados nas fileiras doutrinárias sobre o futuro que os aguarda na imortalidade? Que cogitações ou probabilidades podem levantar sobre a sua chegada na vida imortal? Que vínculos guardam com o mundo dos espíritos? Quem são seus guias, seus espíritos familiares, suas afinidades e seus adversários? E, sobretudo, será que guardam consciência

lúcida sobre o que fazem na Terra, ou apenas imaginam que sabem?

— Mas a codificação nos informa claramente sobre tudo isso?

— Informa princípios gerais, mas não pode oferecer as particularidades que são pertinentes à história de cada alma, conforme a trajetória individual. Isso faz com que, em muitos casos, as informações auferidas não ultrapassem os limites da inteligência acostumada a se apropriar de idéias novas, com sentimento de presunção. Conhecer o passado, buscar compreensão espiritual sobre todos os fatos do presente e fazer projeções para o futuro é a tarefa lúcida de superar a rotina da mente, ainda escrava de estreitos horizontes intelectuais, sem o benefício da contextualização. Estar informado não garante o ato da transformação. É necessário ir além e entender como utilizar a cultura espiritual para a aquisição da conscientização. Ter noções mais verdadeiras sobre o passado comprometedor, que leva a grande maioria dos homens a envergarem a túnica de carne na vivência terrena, é fator de crescimento e reeducação desde que tais informações sejam destinadas a ampliarem a avaliação pessoal nos rumos da auto-educação.

— Mas o que me intriga, professor, é que os médiuns não nos ajudam o quanto deveriam!...

— É verdade! Muitos, teoricamente maduros para o contato com revelações desse porte, não têm encontrado o ensejo bendito de mensurarem algum fato concreto sobre seu passado e a extensão de suas necessidades. Permitem-se imaginar que são missionários virtuosos com avultados compromissos de santificação da coletividade. Daí nasce a sensação de superioridade com a qual confundem responsabilidades e compromissos com iluminação e elevação espiritual, gerando ilusões que têm prejudicado em muito as tarefas e a si próprios.

— E ainda com graves conseqüências para a coletividade...

— Com poucas exceções, a comunidade espírita absorve o mau exemplo de seus líderes, passando a criar ídolos com pés de barro. As tarefas para eles deixam de ser tão agradáveis e proveitosas em função da instauração de rigidez hierárquica, distanciando as pessoas e banindo o clima de familiaridade. Não é por outro motivo que encontramos climas inamistosos em muitas agremiações nas quais seus dirigentes assumem postura de proprietários da verdade e das casas, comportando-se como exímios missionários. Entretanto, a mais lastimável perda ocorre no campo íntimo, ao elaborarem um complexo mecanismo emocional sob a influência do orgulho.

Percebendo claramente que Selena não havia entendido essa questão do orgulho, o professor explicou:

— Muitas almas, na tarefa da condução espírita, quando sinceras e realmente comprometidas com seus anseios de melhora, carregam angústias dilacerantes em seu íntimo, por lealdade consciencial. Lutam para abafar os impulsos de vaidade e tentam se entregar ao compromisso, fazendo o melhor. Todavia, o combate interior com suas mazelas causa-lhes tormentas sem conta, porque, perante a coletividade que dirigem, guardam maior soma de deveres e responsabilidades, sendo justo esperar o enobrecimento de sua conduta. Nesse quadro, ante suas falhas pessoais, instala-se um processo impiedoso de cobranças contínuas, onerando seu campo mental com excessos de exigência para manter aparências. Nascem então as defesas inconscientes sob ação sutil do orgulho. Imaginam-se dotados de grandeza espiritual que os obriga a manter “posturas de direção”. Somando-se ao seu drama íntimo, ainda existem os muitos problemas próprios da tarefa, e, nesse torvelinho de pressões internas e externas, a criatura é levada, pouco a pouco, ao desânimo consigo e

com a atividade, abrindo então oportunidade para explorações mentais obsessivas que ainda mais o fazem acreditar na sua suposta grandeza, ou abatendo-se no desânimo. Surge um forte campo afetivo de mágoa e decepção com os quais muitos dirigentes abandonam tudo, escolhendo a infeliz postura de críticos do movimento espírita pelo resto de suas existências.

— E como as revelações advindas das atividades mediúnicas poderiam auxiliá-los?

— Concedendo-lhes respostas satisfatórias para suas angústias. Esclarecendo-lhes quem são realmente, de onde vieram, com qual missão estão imbuídos e quais são suas necessidades mais emergentes. Alargando seus horizontes mentais para que seus passos sejam mais acertados.

A fala precisa do professor fez a mente de Selena voar. Lembrou-se da casa que dirigiu, de seus problemas íntimos, de Angélica... Começava a perceber que nunca procurou entender, sob esse enfoque mais vasto, as ocorrências que lhe marcaram a experiência carnal. Percebeu então que suas noções de vida eram frágeis e interesseiras. Visões rasas da mente humana, escrava da rotina, das convenções e do vício do orgulho em pensar que sabemos tudo sobre o que nos cerca.

Percebendo a introspecção da companheira, continuou o instrutor:

— Na medida em que o homem amadurece espiritualmente, apossa-se, proporcionalmente, de sua bagagem milenar. Em muitos casos e em certos níveis, guardar noções mais vantajadas sobre a trajetória espiritual favorece o progresso do espírito. Não se trata de advogar a atitude leviana e despropositada; de consultar o passado por pura curiosidade. Importa dilatar concepções sobre suas necessidades e valores a fim de ajuizar com mais proveito as origens de muitos males e utilizar melhor suas habilidades sob um prisma mais amplo e consciente. O codificador deixou

claro essa questão em uma de suas sábias palavras ao afirmar: “*Crer em Deus e na vida futura é, conseguintemente, a primeira condição para moderar o orgulho; porém não basta. Juntamente com o futuro, é necessário ver o passado para fazer idéia exata do presente.*”⁽¹⁾

— No entanto, parece-me que essa não é a realidade de nossa comunidade... — lamentou Selena.

— O movimento humano, em torno das idéias espíritas, tem conseguido grandes realizações e vitórias, contudo encontra-se na sua infância... Sua etapa de maioridade será atingida após o terceiro período de setenta anos de sua existência. No início do século XXI, teremos céleres mudanças levadas a efeito pela terceira geração de espíritas, chamada por Bezerra de Menezes como sendo a *geração solidária*. Temos muito trabalho nas lides doutrinárias. Urge deflagrarmos um processo de formação de frentes produtivas de serviço com base na relação intermundos. Somente assim encontraremos eco no coração do servidor espírita a fim de que seus horizontes sejam ricos de entusiasmo. É preciso ver além de si mesmo para evitar o contágio do desânimo, ou o apelo da acomodação. Em razão dessas medidas que muito exigirão de nosso plano, Selena, é que vim lhe fazer um convite.

— Convite?!

— Amanhã teremos mais uma de nossas habituais reuniões de preparação para os serviços intercessórios. Seria muito valiosa a sua presença. Sua bagagem de conhecimento acerca das questões espirituais da existência carnal ampliou-se em demasia. Informação sem trabalho é caminho para enfermidade.

— O senhor tem extrema capacidade para ler o mundo íntimo! Não vejo a hora de poder realizar algo de mais concreto por essa casa ou pelo “Paulo e Estêvão”. Terei condições?

— Não tenha dúvidas, minha filha. Não tenha dúvidas! Estarei a aguardando para nossa reunião. Você encontrará

por lá alguns amigos. Deus a abençoe e até amanhã.

— Obrigada, professor! Que abençoe igualmente o senhor. Apenas uma pergunta: sobre o que estaremos estudando amanhã?

— Faremos alguns esclarecimentos sobre o Hospital Esperança.

— Que ótimo! Tenho muita curiosidade sobre o assunto. Estarei lá.

⁽¹⁾ Kardec, Allan. O Egoísmo e o Orgulho, *Obras Póstumas*